

Caderno




IMPRESA
OFICIAL/ES

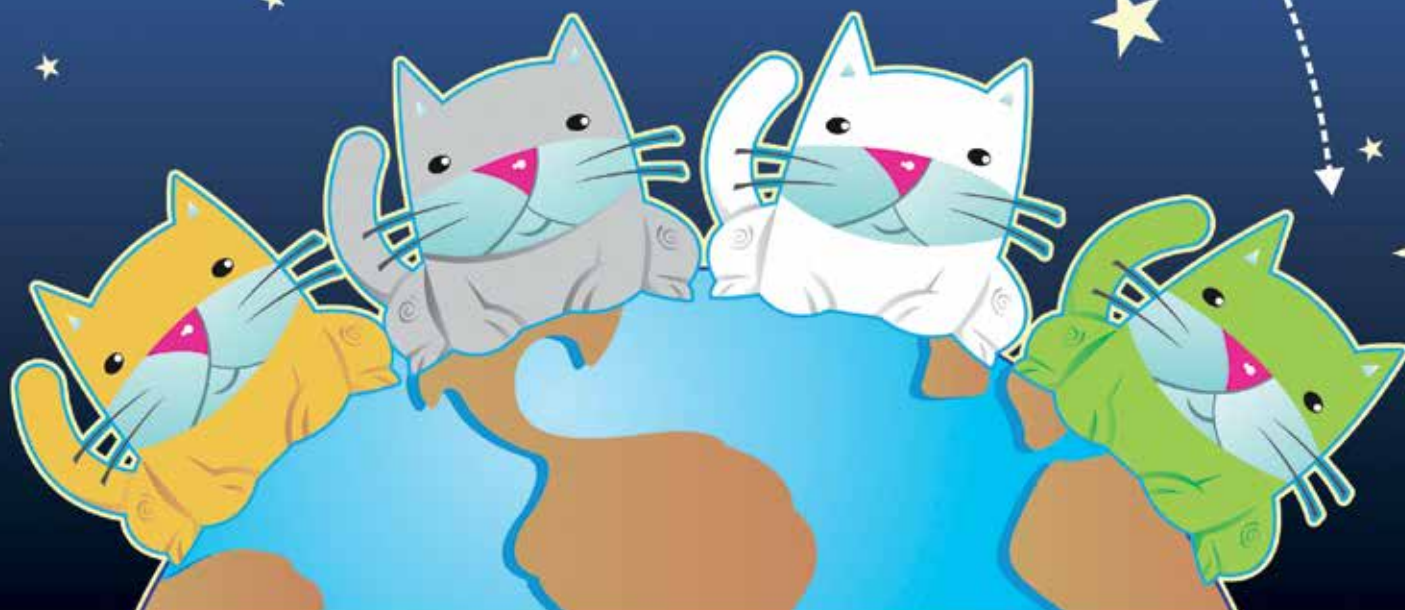
Revista de Cultura do
Diário Oficial do Espírito Santo

Ano VI - n.º 36 • Vitória-ES • Novembro de 2016 • Bimestral

Transpiração

Escritores capixabas se desdobram
para dar visibilidade e conquistar
mercado para os seus livros
infantojuvenis

Páginas 6 a 9



**AS MUITAS VOZES
DOS SERVIDORES
CAPIXABAS**

Páginas 3 a 5

**A ARTE DÁ
VISIBILIDADE AOS
TRANSEXUAIS**

Páginas 10 e 11

**ORQUESTRA
INVADE AS RUAS DA
GRANDE VITÓRIA**

Páginas 14 e 15

Vida boa, *mas dura*

O talento e o esforço dos escritores capixabas para atingir o público infantojuvenil são o principal destaque desta edição. A proposta não era falar da obra feita, mas do cotidiano de incertezas e da luta para conquistar espaço e mostrar a qualidade do trabalho que fazem com muita dedicação e suor e que obriga o escritor a aprender a vender.

Essa realidade não é compartilhada por todos, mas quem não pega seus livros, bota de baixo do braço e ruma para as escolas está cada vez menos exposto e sabe que dificilmente terá campo para apresentar o seu talento.

Mas a vida dura dos escritores capixabas não é o único exemplo, nesta edição, das agruras que grupos profissionais e sociais precisam enfrentar no dia a dia.

A realidade dos transexuais, que ainda é de muitos preconceitos e violência, foi tema recente da exposição *Projetando Identidades*, no Mucane. O objetivo foi dar visibilidade aos transexuais, de longe o grupo que sofre as maiores violências entre os da sigla LGBT. A expectativa de vida dos transexuais é de minguados 35 anos.

O trabalho dos coristas servidores públicos e as iniciativas de aproximação da Orquestra Sinfônica do Espírito Santo (Oses) com o público menos acostumado com a música clássica também são temas desta edição do Caderno D.

Boa leitura! ■

Foto: Divulgação



Caderno **D**

Revista de Cultura do
Diário Oficial do Espírito Santo

GOVERNO DO ESTADO

PAULO CÉSAR HARTUNG GOMES
Governador

CÉSAR ROBERTO COLNAGO
Vice-Governador

DAYSE MARIA OSLEGHER LEMOS
Secretária de Gestão e Recursos Humanos



GOVERNO DO ESTADO
DO ESPÍRITO SANTO

DIO
MIRIAN SCÁRDUA
Diretora-presidente

SÉRGIO RICARDO DE OLIVEIRA EGITO
Diretor de Produção e Comercialização

MARIA BEATRIZ BARROS KILL
Diretora Administrativa e Financeira

SECULT
JOÃO GUALBERTO M. VASCONCELOS
Secretário de Estado da Cultura

Coordenação de produção
Sérgio Egito e Stephanie Oliveira

Edição, redação e revisão
Companhia de Comunicação

Projeto gráfico e editoração
Comunicação Impressa

Jornalista responsável
Cláudio Rocha

Impressão
Gráfica do DIO

Ilustração de capa, do livro *O Gato Verde*, de Ilvan Filho

Este Caderno pode ser acessado no site www.dio.es.gov.br

O canto é *bom e público*

SERVIDORES DÃO VOZ A CORAIS, MELHORAM DESEMPENHO NO TRABALHO E TORNAM TODOS MAIS FELIZES



O desafio do Corais é manter a qualidade apesar da rotatividade de integrantes

O foco era melhorar a capacidade de trabalhar em equipe, aumentar a qualidade de vida e dar mais condições de trabalho para o servidor público. Hoje, corais espalhados por repartições públicas de todo o Espírito Santo ganham corpo, parte deles se apresentam em todo Brasil e até em outros países e tornam a vida de todos, os que cantam e os que ouvem, mais felizes.

A assistente administrativa Rita Aparecida Schmidt, que participa e coordena o Coral das Águas, nome dos mais apropriados para o grupo formado por servidores ativos e inativos da Cesan, é um bom exemplo disso. A corista de voz soprano é uma entusiasta dos efeitos da atividade na vida das pessoas que participam dos corais. “Nunca

imaginei que cantaria um dia e, hoje, tenho técnica para cantar. Mexeu até com o meu gosto e meu conhecimento musical. Sempre gostei muito de música popular brasileira e, agora, adoro música clássica.”

Além do bem estar, da melhoria nas relações de trabalho, quem participa dos corais acaba criando outras expectativas, como acontece com o técnico administrativo e atual coordenador do Coral da Assembleia Legislativa do Espírito Santo, o Corales, Dilmo César Malafaia Castro. “Há um ganho individual bem bacana. A gente aprende técnica vocal, de respiração. É muito bom.”

O Corales, como os demais corais do Estado, ganham mais movimento no final de ano. Há muitos eventos relacionados, em

especial, ao Natal e os corais são convidados para muitos deles. A agenda não está fechada, mas será cheia como em todos os anos. Com dois ensaios semanais, o Coral da Ales prepara >>



O principal objetivo do Coral da Educação é desenvolver a capacidade de trabalhar em equipe

seus 25 integrantes por meio de um convênio com a Faculdade de Música do Espírito Santo (FAMES), responsável por indicar o regente. Atualmente, o cargo é do maestro Márcio Neiva. Seu grande desafio é dar voz a um coral que muda muito de integrantes em função da característica da Casa Legislativa, com grande rotatividade de servidores comissionados.

A voz do servidor

Um dos maiores corais das repartições públicas do Estado, o VozES, da Secretaria de Estado de Gestão e Recursos Humanos (Sege), cresceu tanto que virou até anfitrião do principal encontro de corais do Espírito Santo – O FestVozES. Hoje, o grupo criado em 2008 soma cerca de 60 integrantes. Segundo a chefe do Núcleo de Recursos Humanos e Saúde Ocupacional da Sege, Simoni Da Ros Dalfiar, que é responsável pelo VozES, a proposta do trabalho desde o início foi a valorização do servidor e a melhora da qualidade de vida.

Ela diz que há uma correlação clara entre a atividade e o aumento



Foto: Divulgação

O Coral das Águas completa 25 anos em 2017

da capacidade de integração e de trabalho do servidor. A secretária Dayse Lemos, da Sege, também ressalta a importância da música e do canto coral para a qualidade de vida individual e também para a integração entre os servidores. “É importante lembrarmos dos benefícios que a música produz no indivíduo. A música é capaz de alterar nossas atividades cerebrais e ajuda na sensação de bem-estar, além de reduzir os níveis do hormônio do stress. A música é capaz de motivar, melhorar o humor, ativar a criatividade, cooperar na

saúde física e mental e levantar a autoestima”, ressaltou.

Para o servidor que tiver interesse em participar do coral da Sege, Simoni explicou que basta procurar a Sege e marcar uma avaliação, que será feita junto com o maestro do VozES, Patrick Ribeiro, da FAMES. O grupo ensaia todas as terças-feiras. O coral tem três apresentações previstas até o final de 2016.

Educação

Para a gestão da Secretaria de Estado da Educação (Sedu), o coral



Foto: Divulgação

O Coral VozES é anfitrião de um dos principais eventos de corais do Estado

Encontro de corais

O movimento de corais no poder público capixaba ganha cada vez mais corpo. O Coral VozES, da Sege, solidifica uma iniciativa que dá mais vigor aos coristas servidores, promovendo, pelo quarto ano, o FestVozES – Festival de Corais de Servidores Públicos, realizado no último dia 18 de outubro, no Centro Cultural Sesc Glória, em Vitória.

O evento, organizado pela Sege, fez parte das homenagens pelo

Dia do Servidor Público, comemorado no dia 28 de outubro.

Participaram do evento deste ano o Coral de Contas, do Tribunal de Contas do Estado, o Coral Viva Você, da Secretaria de Estado da Educação (Sedu), o Corais, da Assembleia Legislativa, o Coral Feliz Idade, da Auto Gestão em Saúde (Geap), o Coral Maria Penedo, do Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes) e comunidade, o Coral Came-

Viva Você tem uma grande importância. “Estamos preocupados em desenvolver habilidades para o trabalho em equipe, essencial na Educação”, conta a subgerente de Desenvolvimento Profissional da Sedu, Camila Simões Fracalossi, que também coordena o coral. Ela não é corista, por não conseguir conciliar, no momento, todos os compromissos de trabalho e de casa com a rotina de ensaios. São quatro horas de ensaios semanais, divididos em dois dias.

O coral, que tem como regente Michelle Cristina Fanti Sales e conta com o multi instrumentista, Silas Cordeiro, algo raro entre os grupos locais, participa de eventos nacionais e, ao chegar aos dez anos, em 2018, espera passar a participar de eventos internacionais.

Para o final deste ano, um dos seus principais eventos é participar das festividades natalinas de Domingos Martins, uma referência na área e que abriga o Festival Internacional de Inverno de Domingos Martins, o evento mais tradicional de música do Estado. No mesmo período, o coral costuma se apresentar em escolas do Estado.

ratas, dos alunos do Ifes, e o Coral VozES, dos servidores do Governo do Estado. Em todas as apresentações, os corais tiveram momentos de integração com a plateia, que cantava junto com os coristas.

25 anos de história

Um dos mais tradicionais corais de servidores do Estado, o Coral das Águas, comemora no ano que vem 25 anos de existência, no mesmo

Os corais do Ifes

O Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes) investe na atividade cultural de seus alunos e servidores com dois corais: o Coro Maria Penedo e a Camerata Ifes. À frente dos dois, o maestro Heraldo Silva Filho fala das diferenças dos trabalhos e dos desafios de dar voz a muitos coristas que nunca tiveram contato com o canto.

Heraldo Filho acredita que todo mundo pode aprender a cantar e não discrimina ninguém que queira entrar nos dois coros, claro, se houver vaga. Os candidatos passam por uma classificação vocal e aqueles que ainda não têm uma percepção vocal, são preparados por um monitor. “Para aprender a cantar, baste querer e ter compromisso.”

O maestro, no entanto, admite que às vezes algumas pessoas não resistem ao processo de preparação e saem por conta própria. “Eu sempre procuro achar uma solução porque para mim é muito difícil mandar alguém embora.” As exceções são as questões disciplinares. Em muitos casos, é preciso mesmo trabalhar cada

período que a Cesan comemorará seus 50 anos. “Vamos ter um ano (2017) com muitos eventos”, resalta a coordenadora do coral, Rita Aparecida Schmidt.

Um dos focos é criar, a exemplo da Seger, um encontro de corais no ano que vem, segundo Rita. Ela acredita que o coral ajuda a levar o nome da Cesan para todo o Estado e enaltece o trabalho desenvolvido na empresa.



Foto: Divulgação

Os dois corais do Ifes, cantando juntos

pessoa e achar cada problema, para tentar resolvê-lo, segundo Heraldo Filho.

Os dois corais do Ifes estão com agenda cheia até o final do ano, dentro de um limite que não prejudique o aluno, como deixa claro o maestro. Durante o ano, Heraldo Filho disse que os dois grupos avançaram na técnica vocal e se apresentaram juntos muitas vezes. “Eu quis fazer a integração entre os corais, com peças mais engraçadas. Cada qual cantou também seus repertórios”, explicou.

Aliás, o repertório é o que estabelece a diferença entre os dois corais. O Maria Penedo é formado só por alunos e seu repertório é de musicais, tributos, músicas populares e folclore. O Camerata Ifes é formado por alunos, ex-alunos, servidores, ex-servidores e comunidade em geral e canta peças mais elaboradas, como óperas, cantatas, réquiem e, recentemente, também músicas populares. O primeiro tem 40 coristas; o segundo, 32.

O Maria Penedo foi fundado em 1947, então como Orfeão Lorenzo Fernandes, pela professora hoje homenageada com o nome do coral. O Camerata Ifes foi fundado em 5 de março de 2001. ■

Com o livro *debaixo do braço*

ESCRITORES CAPIXABAS FALAM DAS DIFICULDADES PARA PRODUZIR E SE MANTER NO MERCADO DE LITERATURA INFANTIL NO ESPÍRITO SANTO

A inspiração e o mundo de fantasia da literatura infantil está cada vez mais distante do universo de quem produz livros para crianças e adolescentes, especialmente em estados pequenos como o Espírito Santo. O talento de escritores e ilustradores, que “dominam o mercado capixaba”, não é exatamente proporcional ao sucesso que conseguem com a produção e distribuição dos seus livros.

Autores como Elizabeth Martins, Silvana Sampaio e Ilvan Filho lutam, diariamente, para fazer com o que seu talento circule e chegue aos pequenos olhos dos leitores. Doutora em Literatura, jornalista, editora e mulher de escritor, Ivana Esteves explica que a realidade, hoje, aponta por muita transpiração, especialmente, para fazer circular o livro, cada vez mais dependente da adoção pelas escolas dos títulos produzidos. Ivana estudou o mercado capixaba com sua tese de doutorado “O desvelar do autor, produtor, divulgador, distribuidor de literatura infantil no Espírito Santo no Século XXI”.

Poucos contam, como já aconteceu com Francisco Aurélio Ribeiro, um dos mais co-



Foto: Elizabeth Nader

Francisco Aurélio contava com apoio de grandes editoras nas décadas de 1980 e 1990

nhecidos escritores locais para o público infantojuvenil, com uma editora de peso por trás das publicações, que tenham boas estratégias e estrutura de distribuição. O escritor, que é também professor da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), teve a retaguarda, especialmente entre as décadas de 1980 e 1990, de editoras conhecidas. Uma delas, inclusive, a Companhia Editora Nacional, foi fundada por Monteiro Lobato, maior referência em literatura infantojuvenil do país.

Segundo a escritora Elizabeth Martins, que tem três obras publicadas para crianças, o escritor de hoje tem de fazer todo o trabalho: “Publicar, divulgar e distribuir, com raras exceções.” Para ela, as leis de incentivo das prefeituras e do Estado ajudam um pouco na publicação, mas a distribuição continua a ser um grande problema.

Foto: Divulgação



Elizabeth: O escritor de hoje tem de publicar, divulgar e distribuir

“O mercado para literatura infantil cresceu em parte graças aos projetos de incentivo à leitura e ao interesse das escolas de levar escritores capixabas aos projetos internos, com o público infantil, Mas, apesar de trabalhar há mais de 20 anos nessa área, ainda considero muito difícil publicar e distribuir nossa produção literária”, explica Elizabeth.

As estratégias de conquistas de mercado envolvem, principalmente, um “assédio” às escolas. É nesse palco que a escritora e contadora de histórias, Silvana Sampaio, de-

envolve, preferencialmente, seus dois trabalhos. “Eu vou às escolas, conto histórias e vendo meus livros.” Silvana tem quatro obras publicadas e admite que a associação desses dois talentos ajuda muito a abrir portas. “Nunca tive a pretensão de ser escritora, mas gostei da

ideia de escrever também.”

Quem também começou em outra área e acabou associando seu talento original à escrita foi Ilvan Filho, casado com a pesquisadora Ivana Esteves e com quem divide a Muqueca Editorial. Originalmente, Ilvan era ilustrador,

com passagem por agências de publicidade e por redações de jornais, mas acabou enxergando a possibilidade de se aventurar nos livros, depois do nascimento do seu filho, José Antônio, em 2002. O primeiro livro, “O Gato Verde”, adotado em várias escolas, está na terceira edição.

Para garantir espaço para os seus livros, com texto e ilustração dele, Ilvan aprendeu a fuçar nas escolas. Como seus colegas, acaba recebendo convites e busca as salas de aula para falar das suas obras. “Tem de visitar as escolas, propor que o livro seja usado como material didático. Não dá para contar com livrarias”, explica o escritor.

Francisco Aurélio, que teve sucessos editoriais como a sua primeira obra para esse público, “Era uma vez uma cha- >>



Qualidade x quantidade

A busca pelo mercado de literatura infantil envolve uma outra questão, além de garantir espaço para a obra: na visão de muitos escritores é importante diferenciar a produção de livros para crianças e a literatura infantil. Em muitas das entrevistas que deu ao longo dos anos, a escritora Ana Maria Machado, carioca com laços com o Espírito Santo, falou diversas vezes sobre essa diferenciação. Para ela, há muita produção de livros direcionada a esse público, mas nem tudo pode ser considerado literatura. Ana Maria Machado já presidiu a Academia Brasileira de Letras e recebeu o prêmio Hans Christian Andersen, pelo conjunto de sua obra infantil, no ano 2000 – considerado um Nobel de Literatura, só

que direcionado à literatura infantil.

“A literatura infantil é muito mal compreendida. As pessoas sempre acham que é para transmitir ou ensinar alguma coisa para a criança. A literatura não é isso. Essa não pode ser uma preocupação do escritor”, disse Francisco Aurélio Ribeiro. Ele não desmerece as publicações mais dirigidas, que buscam um caminho mais didático, o que já foi feito até por grandes escritores. “Só que é um outro tipo de livro, escrito com objetivo específico. Não é literatura.”

Para o escritor e assessor especial da Biblioteca Pública do Espírito Santo, ligada à Secretaria de Estado da Cultura (Secult), Sergio Blank, tem muito coisa ruim publicada para crianças

hoje. “Houve um boom da literatura infantil, com grandes projetos gráficos e muito pacote de presente, mas textos muito fracos.” Blank escreveu apenas uma obra para crianças, “Safira”, que no ano passado, ao completar 25 anos de lançamento, ganhou sua quinta edição.

Sergio Blank destaca que a literatura capixaba, em geral, tem muita gente boa, com uma nova geração de escritores muito talentosos surgindo. “Mas muita coisa do que é produzido para criança eu não gosto.”

Já Silvana Sampaio acredita que a produção para o público infantil reflete, na verdade, a mesma relação de outras áreas. “Como em todos os segmentos, teremos livros bons e livros medíocres.”

ve”, com vendas superiores a 20 mil livros, recusa-se a misturar as funções de escritor e de editor. “Não é função do escritor buscar espaço, por exemplo, nas escolas. Perdi o tesão de publicar por isso.” A mudança no mercado editorial ficou mais clara para ele, que tem mais de 50 livros publicados, 20 deles para o público infantojuvenil, a partir do sucesso da internet, no final dos anos de 1990.

Novos projetos

Todos os escritores entrevistados falam de novos planos para a literatura infantil, mas, lógico, que dependem de uma certa estrutura, que, em geral, só vem com editais culturais ou patrocínios diretos. Silvana Sampaio, por exemplo, quer avançar nas pesquisas e na publicação em linguagem literária para crianças das lendas capixabas em verso, continuando projetos anteriores. “Tenho um grande projeto de vida que é tornar a cultura capixaba mais conhecida.”

Francisco Aurélio admite que, embora tenha planejado menos publicações por conta dos problemas que os escritores enfrentam hoje, também tem projetos à espera de editais culturais para serem viabilizados. É o mesmo caso de Elizabeth Martins, que acusa cansaço com o mercado da literatura infantil, mas sem deixar de produzir e de ter planos para o futuro próximo, sem, entretanto, listar esses projetos.

Na contramão dos colegas escritores, Ilvan Filho, junto à sócia e mulher Ivana, busca um

caminho mais livre das leis de incentivo e que tem dado certo. “Tenho apenas um dos meus sete livros produzidos com lei de incentivo fiscal”, revela Ilvan. “Não nos aventuramos em

produzir e editar livros sem patrocínio”, conta Ivana, ao mesmo tempo em que começa a agregar novos escritores à sua editora e a conquistar espaços com esses patrocinadores.

O sucesso de Safira

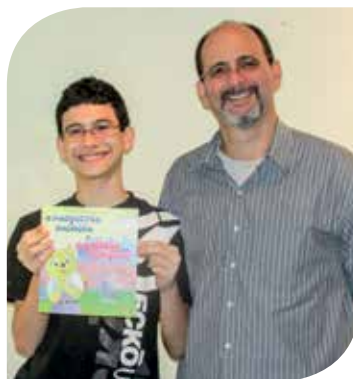
Os encantos da literatura infantil seduziram uma vez só o escritor Sergio Blank. Com “Safira”, o autor chegou, no ano passado, a sua terceira edição, depois da sua obra única para crianças ter completado 25 anos. De lá para cá, o escritor não se arriscou mais pelo mundo da literatura infantil. “É muita responsabilidade escrever para crianças. Safira é um acidente de percurso.”

A sua experiência acidental foi muito bem sucedida. Ganhou o Prêmio Literatura Infantil do Concurso Permanente Capixaba de 1989 do Governo do Estado e o livro sempre foi muito usado nas escolas. Ele não descarta novas edições, para atender a pedidos de professores que querem adotar o livro em sala de aula.

Além da possibilidade de novas edições, um projeto envolvendo o livro agrada e muito a Sergio Blank: o interesse na adaptação para o teatro. “É um projeto que eu gostaria muito.”

Sérgio é assessor especial da Biblioteca Pública do Espírito Santo, ligada à Secult. Ele tem cinco outras obras publicadas para o público adulto. Suas poesias, que abordam a solidão e a busca de afeto, são conhecidas do público leitor capixaba, apesar do escritor não publicar um novo livro desde os anos de 1990 – em 2011, lançou uma publicação reunindo as poesias dos cinco livros. De lá para cá, como ele mesmo diz, dedicou-se ao livro dos outros e à busca de novos talentos.

Tese do esforço



Ilvan com o filho José, que foi sua inspiração para começar a escrever para crianças

A tese de doutorado “O desvelar do autor, produtor, divulgador, distribuidor de literatura infantil no Espírito Santo no Século XXI”, da doutora em Literatura, jornalista e editora Ivana Esteves demonstra, claramente, a mudança de perfil do escritor do final do Século passado para este. O escritor, como Francisco Aurélio Ribeiro, que tinha estrutura sempre de uma boa editora, capaz de divulgar e distribuir o livro e conquistar mercado, deu lugar a

transpiração do próprio escritor, responsável por agregar papéis que, em último caso, o levam a ser um vendedor da sua própria obra.

Ela baseou seus estudos em cinco autores locais. Além do próprio Francisco, Neuza Jordem, Silvana Pinheiro, Elizabeth Martins e Ilvan Filho, com quem é casada e tem sociedade na Muqueca Editorial. O perfil de Francisco é muito diferente dos demais, por ser o do grupo a contar com apoio editorial nas duas últimas décadas do Século XX e se recusar a colocar seus livros debaixo do braço para tentar buscar mercado. Especialmente os três últimos, segundo Ivana, incorporaram esse novo espírito, frequentam as escolas, têm contato com alunos e professores e buscam nesse ambiente a oportunidade de fazer seus livros circularem.

Para a pesquisadora, os autores capixabas, apesar de serem muitos e do talento de uma boa parte, acabam invisíveis pela ausência de uma estrutura de editora por trás. "O que resta, para quem quer viver disso, é ir atrás do leitor. E há uma grande receptividade das escolas", conta Ivana.

A formação de público leitor



Ilustrações dos livros de Ilvan

requer estratégias, tema dos estudos desenvolvidos por Ivana no seu pós-doutorado, em curso. Ela faz a pesquisa enquanto ministra uma Oficina de Estratégias de Leitura com a Literatura Infantil do Espírito Santo com alunos do quarto ano do ensino fundamental, na Escola Municipal Custódia Dias de Campos, em Vitória.

Apesar das grandes dificuldades, Ivana Esteves enxerga um momento de ressurgimento da literatura infantil no Espírito Santo, que viveu seus melhores tempos nos anos de 1980. Ela credita essa melhora aos editais de incentivo, como os que são lançados pela Secult. ■

Algumas obras

Francisco Aurelio Ribeiro

- Era uma vez uma chave
- O gato xadrez
- Leve como uma folha
- O ovo perdido
- Ora, pombas!
- A gralha e a tralha

Elizabeth Martins

- A bailarina Cor de Rosa
- João, o botão
- O jardim da Laila

Silvana Sampaio

- Roda Viva
- Lendas Capixabas em Versos
- Aventuras de um Vermelho Inquieto

Ilvan Filho

- O gato verde
- O besouro catapora
- Eu não quero mais fazer xixi na cama
- Uma casinha lá no alto



Ilustrações dos livros de Ilvan

A arte da igualdade

EXPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA DÁ VISIBILIDADE E RECONHECIMENTO AO PÚBLICO TRANSEXUAL NO ESPÍRITO SANTO



Fotos: Divulgação Secult

As muitas faces dos transexuais capixabas

Os indicadores de violência demonstram os horrores do preconceito que submete a população transexual a uma “guerra” diária pela sobrevivência no Brasil. Para dar visibilidade a esse público, o Grupo Orgulho, Liberdade e Dignidade (Gold) resolveu criar a exposição *Projetando Identidades*, que ficou em cartaz no Museu do Negro (Mucane), em Vitória, no mês de setembro. Por meio de 71 retratos, transexuais deram a cara para mostrar que existem e que são gente, só gente, como todo mundo.

Esse foi apenas o primeiro movimento que envolve a arte e o grito de liberdade e de igualdade de tratamento ou de respeito à diferença que propaga o Gold. Deborah Sabará, presidente do grupo e responsável por aglutinar as fotos para a exposição, diz que pretende viajar em outros mares para dar, por meio da arte, visibilidade aos transexuais. Ela espera que em breve a exposição comece um período de migração pelo Estado. Há convites de alguns municípios e o Gold quer levar a exposição para outras quatro regiões do Estado. O projeto foi selecionado pelo Edital 002/2015 da Secretaria de Estado da Cultura (Secult), por meio do Prêmio *Projetando a Cultura de Ideias*.

“A primeira experiência foi

muito positiva. Não havia uma intenção de revelar artistas (as fotos não foram feitas por fotógrafos profissionais; em muitos casos tinham mais a cara de selfies), mas de dar visibilidade a pessoas que não são vistas como pessoas. O nosso foco é melhorar a autoestima e discutir direitos”, disse Deborah, que acredita que o movimento que defende precisa estar cada vez mais presente em conselhos que discutem direitos humanos.

Alguns dos que enviaram fotos para a exposição contaram à presidente do Gold um pouco do que estavam sentindo e que demonstra o tamanho da violência que os transexuais enfrentam durante a vida. “Uma menina me disse que a mãe reclamava o tempo todo por ela ser travesti, dizia que ela nunca



seria ninguém. Com a foto, ela disse que ia chamar a mãe para vê-la na exposição.”

Violência

Mas a violência contra os transexuais vai além dos casos de assédio moral. Embora não existam números que relatem com precisão mortes e outras violências físicas, o Brasil, de acordo com dados do Innovare Pesquisa, Opinião e Mercado, reproduzindo informações da ONG TGEU (Transgender Europe), seria o país que mais mata transexuais no mundo. A expectativa de vida desse grupo social é de apenas 35 anos.

Para corroborar informação da própria presidente do Gold de que o grupo T sofre três vezes mais violência do que os outros ligados à sigla LGBT, o antigo Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos trabalhava o dado de que os travestis e transexuais sofriam 50% da violência denunciada contra a comunidade LGBT no Brasil. Não há dados específicos sobre essa violência no Espírito Santo.

Segundo Deborah, há várias questões que precisam ser discutidas e resolvidas em relação ao público T – ela não separa mais os travestis e os transexuais e prefere a segunda expressão por questões políticas –, a quem a sociedade, por exemplo, reservou espaços de trabalho bem definidos: quase a totalidade dos transexuais acaba na prostituição por falta de acesso a outros meios de produção remunerada. Um bom exemplo do preconceito que sofrem é que até hoje só se tem



notícia de um transexual com doutorado no Brasil.

A presidente do Gold explica o seu caso como um exemplo da violência que os transexuais começam a sofrer ainda dentro de casa. “Saí adolescente de casa. Todos os meus direitos foram desrespeitados. Sem escola, fui em busca de pessoas como eu. Não é uma história que me contaram, é a minha vivência, que transformei em política. Precisamos nos expor, exatamente, para fazer política.”

Casos como esses e todas as questões de preconceito e violência contra os transexuais foram amplamente debatidos durante os 30 dias de exposição no Mucane. Junto com a exposição, foram realizadas mesas de discussão, exibido filmes e documentários. “O debate pauta a questão de gênero e sexualidade como uma discussão pública, na família, na escola, na comunidade, na falta de acesso à saúde e assistência. É necessário trabalhar, principalmente, a autoestima desta população ‘invisível’, desconhecida para grande parte da sociedade. Aproveitamos para discutir o machismo, a transfobia, a intolerância religiosa”, disse Deborah.

O local escolhido para a ex-

posição, o Mucane, não foi por acaso. Além do grande número de negros entre os participantes, a diretora da Gold ressalta que são os travestis e transexuais negros que mais sofrem preconceitos, pela soma da LGBTfobia ao racismo. ■





Cultura e arte incentivam o protagonismo da juventude capixaba

Julio Cesar Pompeu*

Incentivar os jovens das áreas mais necessitadas a desenvolverem projetos culturais é alavancar a autoestima desses que são o presente da nação. É mostrar a eles que são capazes de transformar suas realidades e mudar vidas, não só as suas, mas também da sua comunidade.

Acreditando nessa capacidade que a juventude tem de mostrar protagonismo e de abrir novos caminhos, o Governo do Espírito Santo, por meio das secretarias de Estado de Cultura (Secult) e de Direitos Humanos (SEDH), lançou um edital para selecionar projetos de cultura e arte, no valor total de R\$ 1 milhão. O objetivo é premiar 25 projetos que

fomentem ações de formação cultural e artística nos bairros atendidos pelo Programa Ocupação Social. Cada projeto vai receber R\$ 40 mil para desenvolver as atividades.

Esse edital faz parte de um modo diferente de pensar tanto a cultura, como a lógica de investimento social. Geralmente, a cultura é pensada por muitos apenas como passatempo, hobby ou diversão, ignorando que toda atividade cultural é também uma importante atividade econômica criativa, uma das maiores fontes de geração de riqueza deste século.

Este edital de Projetos de Cultura e Arte está entre as variadas

ações que têm sido desenvolvidas junto aos bairros do Ocupação Social, um programa estruturante do Governo do Espírito Santo e gerido pela SEDH, que tem como principal



objetivo levar oportunidades a uma camada social mais vulnerável. Programa social que, por meio de uma agenda articulada entre poder público e sociedade civil, visa ampliar os horizontes de quem mais precisa, ofertando cursos profissionalizantes, incentivando o retorno dos jovens às escolas, apoiando o empreendedorismo, desenvolvendo habilidades socioemocionais e minimizando a exposição juvenil à violência.

Há de se frisar que o objetivo do programa é diminuir a taxa de homicídios de jovens, reduzir o abandono escolar e aumentar o percentual de jovens estudando e/ou trabalhando. E a tarefa maior é alcançar esses resultados por meio de ações que priorizem o diálogo, a construção coletiva e o envolvimento da juventude em todo o processo.

É com esse protagonismo juvenil que será possível reduzir o percentual de jovens vítimas de crimes contra a vida, no Espírito Santo, principalmente entre os que têm idade de 15 a 24 anos, que historicamente representam 40% dos homicídios do Estado, chegando a passar de 50% nos bairros mais atingidos historicamente com a violência e que estão inseridos no Programa Ocupação Social. Os dados levam em consideração o número total de homicídios registrados no Estado nos últimos cinco anos.

Deve ser considerado, ainda, que nessas áreas de maior concentração de registros de homicídios há uma população com baixa escolaridade e com alto índice de jovens fora da escola. São crianças e adolescentes abandonando os estudos prematuramente, ainda no Ensino Fundamental (a partir de 10 anos de idade). O que nos leva a acreditar que, se nada for feito, esses jovens no futuro tendem a repetir, com seus

filhos, o mesmo processo social de exclusão de que são vítimas: baixa escolaridade, formação precoce de família, subemprego.

O Ocupação Social busca quebrar esse ciclo que hoje afeta cerca de 16 mil crianças, adolescentes e jovens em nosso Estado.

A cultura tem um papel central no conjunto de ações do Ocupação Social. Ela é instrumento tanto de geração de emprego e renda, quanto de desenvolvimento socioemocional. É forma direta e lúdica de manifestação e autoafirmação do jovem. Instrumento pelo qual o jovem dialoga com o jovem, na sua linguagem, com seus valores e modos particulares de expressão. A ideia é que isso forme não só uma rede de jovens mobilizados em torno da cultura e da economia criativa, mas que gere também cidadãos que sejam exemplos virtuosos numa região em que não faltam exemplos negativos.

E esse edital, voltado para os jovens mais vulneráveis, é uma oportunidade de desenvolvimento de atividades artísticas que sejam rentáveis e possam ser multiplicadas dentro do bairro. Em momento de crise, é instrumento de geração de emprego e de renda para os mais vulneráveis.

E para alcançar tantos objetivos, buscar novos caminhos sempre é uma necessidade. O edital de Projetos de Cultura e Arte, assim como todo o Programa Ocupação Social, é uma inovação em termos de alocação de recursos públicos. A intenção é que os jovens mais vulneráveis, os que mais precisam de uma oportunidade, e com potencial e criatividade de sobra, consigam de fato ter acesso a esse recurso. Sem atravessador, sem necessidade de auxílio para lidar com a burocracia.

Há quem olhe para esses bairros com olhos preconceituosos. Por haver tanta violência e crimes, imaginam que 100% das pessoas estão envolvidas com algo errado. Mas não é verdade. Lá tem muita gente boa, de valor e potencial, prontos para desenvolver uma cultura fantástica e que pode em muito contribuir econômica e socioafetivamente com os jovens de dentro e de fora dos bairros.

É acreditando nessas pessoas que o Ocupação Social se faz valer. Afinal, o Estado não existe para dizer como as pessoas têm que viver, mas para permitir que as pessoas vivam de forma honesta, produtiva e contribuindo para o desenvolvimento social.

Não faz sentido tentar impor uma cultura, um modo de vida, um conjunto de valores que são estranhos às pessoas que vivem em um determinado lugar. Que a Cultura seja deles. Que o Ocupação Social seja deles. ■

(*) Julio Cesar Pompeu é secretário de Estado de Direitos Humanos e coordenador do Programa Ocupação Social





A Oses se apresentou em locais públicos como o Terminal de Laranjeiras, na Serra

Música

Clássica e popular

ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESPÍRITO SANTO SURPREENDE POPULAÇÃO COM APRESENTAÇÕES EM LOCAIS ABERTOS



O espaço não é exatamente comum. O público não é o de costume e reage entre estranhamento e entusiasmo. Os músicos tentam se ambientar ao clima e a um certo “modo fora de lugar” das ruas. No final, no entanto, o resultado compensa: todos encantados com a boa música – instrumentistas, que deixaram o conforto do teatro, e o público, que quase sempre não tem



acesso aos locais onde a música clássica é normalmente exibida.

O maestro Helder Trefzger, da Orquestra Sinfônica do Espírito Santo (Osés), não consegue conter a sua satisfação com projeto “Orquestra nas Ruas”, ação que levou seu grupo para a rua, para mais próximo da população, com uma programação perto do que se convencionou chamar de flash mob (veja definição em quadro). “Pretendemos levar a música clássica para perto das pessoas, com a orquestra ao alcance de todos, ao lado do público, em grande interação e sintonia.”

No mês de novembro, a Osés fez uma programação com apresentação em locais inócuos e que agradou em cheio ao público. “Nunca ouvi nada tão bonito. Estou surpresa e agradecida”, conta a vendedora Maria do Carmo Costa. “Eu jamais tinha visto uma orquestra

tão perto. É lindo”, ressalta o assistente de enfermagem, Roberto Miranda. Ambos acompanharam a apresentação da Osés no Terminal de Laranjeiras, na Serra, no último dia 11. A previsão era de 12 apresentações em quatro municípios (a matéria foi editada antes do final do mês), em locais como praças públicas, terminais rodoviários e quadras de escolas de samba.

No repertório, só de clássicos, com obra de autores como Bizet, Carlos Gomes, Brahms e Mozart. Cada apresentação tem cerca de 40 minutos e os locais foram definidos após contatos com associações de moradores e outras entidades que estão ligadas a vários espaços nos quais se pretende levar manifestações artísticas para a população, especialmente a que tem menos acesso à cultura consumida em espaços pagos.

Para dezembro, segundo Helder Trefzger, a Osés

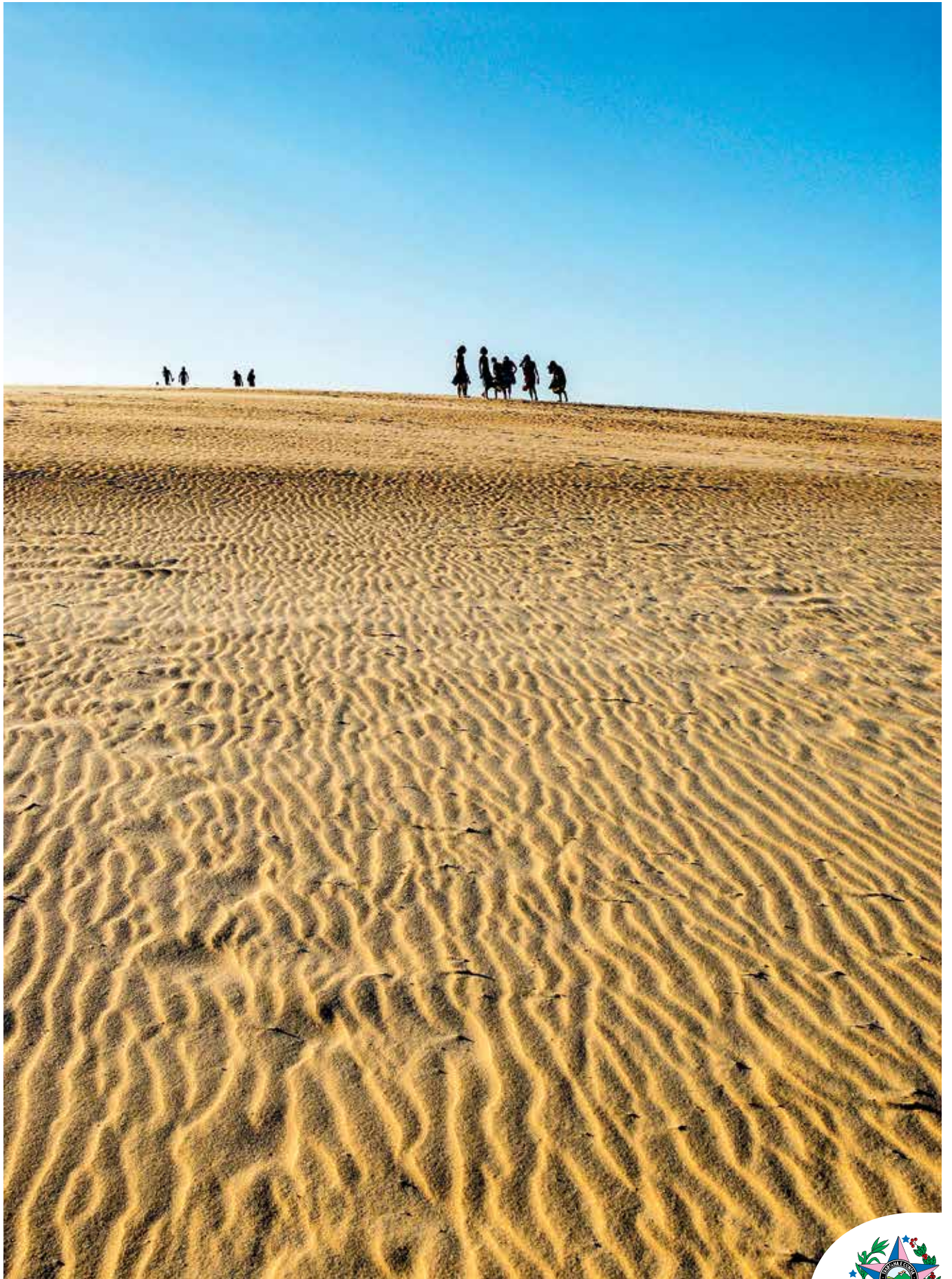
embarca em mais uma ação de popularização da música clássica, com espetáculos no Teatro Carlos Gomes, desta vez com obras de Villa-Lobos e de Jaceguay Lins, este último regeu a então Orquestra Filarmônica do Espírito Santo no século passado e foi um dos grandes incentivadores do congo, manifestação folclórica típica do Espírito Santo. Será um encontro da Osés com quatro bandas e mestres de congo, no espetáculo “O Congo de Casaca”. ■

[Flash Mob]

O termo em inglês faz referência a manifestações feitas por grupos de pessoas que se reúnem repentinamente em um local público para fazer alguma ação e, logo em seguida, dispersam-se. É utilizado mais comumente em ações relacionadas à publicidade, à política e às artes.



Fotos: Divulgação Secult



ITAÚNAS, CONCEIÇÃO DE BARRA | Foto: Setur / Tadeu Bianconi

